

AUTOCONCEITO E DESEMPENHO INICIAL EM LEITURA E ESCRITA**SELF-CONCEPT AND INITIAL PERFORMANCE IN READING AND WRITING****AUTOCONCEPTO Y RENDIMIENTO INICIAL EN LECTURA Y ESCRITURA**

Beatriz Vieira Souza¹
Ronei Guaresi²

RESUMO

Nesta pesquisa, objetivamos investigar a relação entre o autoconceito, entendido como a percepção do indivíduo sobre si mesmo, e o desempenho em leitura e escrita de alunos do 3º ano do Ensino Fundamental em três escolas públicas. O autoconceito foi avaliado com a Escala de Autoconceito (Sisto e Martinelli, 2004) e o desempenho em leitura e escrita pelo Teste de Monitoramento da Leitura e da Escrita (Guaresi, Palles e Abreu, 2020). A análise dos dados revelou que, apesar de variações matemáticas nas médias de autoconceito e desempenho em leitura e escrita, a correlação entre essas variáveis não foi estatisticamente significativa ($R = 0,238$). Além disso, a maioria dos escolares do grupo com atraso escolar estabelecido não apresenta déficit no teste de autoconceito. Isso sugere que, no contexto do presente estudo, o autoconceito não exerce uma influência estatisticamente significativa sobre o desempenho em leitura e escrita na população avaliada. Diferentemente da literatura revisada, os resultados indicam que, para a amostra avaliada, o impacto do autoconceito no desempenho acadêmico pode ser limitado, possivelmente pela falta de consciência do próprio atraso escolar nessa faixa etária. Futuros estudos poderiam ampliar a amostra, sobretudo no tocante à faixa etária, e incorporar métodos qualitativos para explorar mais a fundo a relação entre autoconceito e desempenho acadêmico, oferecendo insights mais detalhados sobre como fatores emocionais podem influenciar o aprendizado.

Palavras-chave: autoconceito; desempenho; leitura; escrita.

ABSTRACT

In this research, we aimed to investigate the relationship between self-concept, understood as the individual's perception of themselves, and the reading and writing performance of students in the 3rd year of Elementary School in three public schools. Self-concept was assessed with the Self-Concept Scale (Sisto and Martinelli, 2004) and performance in reading and writing with the Reading and Writing Monitoring Test (Guaresi, Palles and Abreu, 2020). Data analysis revealed that, despite of mathematical variations in the means of self-concept and performance in reading and writing, the correlation between these variables was not statistically significant ($R = 0.238$). Furthermore, the majority of students in the group with established academic delay do not present a deficit in the self-concept test. This suggests that, in the context of the present study, self-concept does not have a statistically significant influence on reading and writing performance in the population assessed. Unlike the literature reviewed, the results indicate that, for the sample evaluated, the impact of self-concept on academic performance may be limited, possibly due to the lack of awareness of their own academic delay in this age group. Future

¹ Graduada em Letras, UESB, <https://orcid.org/0009-0007-0768-9444>, beatrizvi5632@gmail.com

² Doutor, UESB, <https://orcid.org/0000-0002-8073-2601>, roneiguaresi@uesb.edu.br

studies could expand the sample, especially regarding age group, and incorporate qualitative methods to further explore the relationship between self-concept and academic performance, offering more detailed insights into how emotional factors can influence learning.

Keywords: self-concept; performance; reading; writing.

RESUMEN

En esta investigación, nuestro objetivo fue investigar la relación entre el autoconcepto, entendido como la percepción que el individuo tiene de sí mismo, y el desempeño en lectura y escritura de estudiantes del 3er año de la Educación Primaria de tres escuelas públicas. El autoconcepto se evaluó con la Escala de Autoconcepto (Sisto y Martinelli, 2004) y el rendimiento en lectura y escritura con el Test de Monitoreo de Lectura y Escritura (Guaresi, Palles y Abreu, 2020). El análisis de los datos reveló que, a pesar de variaciones matemáticas. En las medias de autoconcepto y desempeño en lectura y escritura, la correlación entre estas variables no fue estadísticamente significativa ($R = 0,238$). Además, la mayoría de los estudiantes del grupo con retraso académico establecido no presentan déficit en la prueba de autoconcepto. Esto sugiere que, en el contexto del presente estudio, el autoconcepto no tiene una influencia estadísticamente significativa en el rendimiento en lectura y escritura en la población evaluada. A diferencia de la literatura revisada, los resultados indican que, para la muestra evaluada, el impacto del autoconcepto en el rendimiento académico puede ser limitado, posiblemente debido a la falta de conciencia del propio retraso académico en este grupo de edad. Estudios futuros podrían ampliar la muestra, especialmente en lo que respecta al grupo de edad, e incorporar métodos cualitativos para explorar más a fondo la relación entre el autoconcepto y el rendimiento académico, ofreciendo información más detallada sobre cómo los factores emocionales pueden influir en el aprendizaje.

Palabras clave: autoconcepto; actuación; lectura; escribiendo.

INTRODUÇÃO

O autoconceito pode ser definido como a percepção que o indivíduo tem de si próprio e o conceito que, a partir disso, forma de si mesmo (Vaz Serra, 1988). Esse constructo é moldado por uma série de fatores, incluindo a percepção que o indivíduo acredita que os outros têm dele, suas próprias avaliações sobre seu desempenho em situações específicas, o confronto de sua conduta com a de seus pares sociais e a avaliação de seus comportamentos com base em valores normativos. Essas influências colaboram para a formação de um autoconceito que pode ser tanto positivo quanto negativo, exercendo um impacto significativo sobre o comportamento e o desempenho do indivíduo.

Neste contexto, o presente projeto de pesquisa visa explorar a relação entre o autoconceito e o desempenho inicial em leitura e escrita em escolares do 3º ano do Ensino Fundamental, matriculados em três escolas públicas. A investigação parte da premissa de que o autoconceito, enquanto construção subjetiva, desempenha um papel

crucial na maneira como os alunos enfrentam desafios acadêmicos, especialmente nas habilidades fundamentais de leitura e escrita. Estudos como os de Carneiro, Martinelli e Sisto (2003) e Ferreira (2006) demonstram que o autoconceito está intimamente ligado ao desempenho escolar.

Diante disso, almejamos contribuir para a compreensão das implicações do autoconceito como preditor no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Nosso objetivo é esclarecer como o autoconceito influencia o desempenho em leitura e escrita, proporcionando evidências que possam fundamentar estratégias para melhorar a eficácia do ensino desde as fases iniciais da educação.

1. REVISÃO DE LITERATURA E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Gabriela Raeder da Silva Carneiro, Selma de Cássia Martinelli e Fermino Fernandes Sisto (2003) conduziram uma pesquisa cujos resultados foram documentados sob título *Autoconceito e Dificuldades de Aprendizagem na Escrita*. O objetivo do estudo era investigar a relação entre a dificuldade de aprendizagem na escrita e o autoconceito geral, escolar, social, familiar e pessoal, em crianças do ensino fundamental. Para isso, foram utilizadas duas escalas: a ADAPE (Sisto, 2001), que avalia as dificuldades na aprendizagem da escrita, e a EAC-IJ (Sisto, 2000), para avaliar o autoconceito dos participantes. A amostra incluiu 277 estudantes de ambos os sexos, com idades entre 9 e 10 anos, pertencentes à 3ª série do ensino fundamental. Os resultados revelaram uma relação significativa entre a dificuldade de aprendizagem na escrita e o autoconceito geral, especialmente o escolar, indicando que à medida que a dificuldade de aprendizagem na escrita aumenta, o autoconceito tende a diminuir.

Andressa Aparecida Ferreira (2006) orientou uma pesquisa documentada sob o título *A Relação Entre Autoconceito e Desempenho Escolar em Crianças e Adolescentes*, com o objetivo de investigar a correlação entre essas duas variáveis no contexto brasileiro. A pesquisa foi desenvolvida mediante um levantamento bibliográfico nas bases de dados LILACS, INDEXPSI, SCIELO e PEPSIC, identificando 86 artigos, dos quais 10 abordavam especificamente a relação entre autoconceito e desempenho escolar. Os estudos revisados indicaram uma relação positiva entre autoconceito e desempenho acadêmico, sugerindo que um autoconceito elevado está associado a um melhor desempenho escolar. Também foram identificados fatores influenciadores como idade, sexo e tipo de escola (particular ou pública), embora as evidências ainda sejam insuficientes para conclusões definitivas. A pesquisa também

ressalta a importância de considerar aspectos afetivo-emocionais que possam interferir no processo de aprendizagem, enfatizando a necessidade de atenção a esses aspectos por parte dos profissionais da educação. As conclusões sugerem que educadores devem estar cientes da influência do autoconceito no desempenho acadêmico, a fim de contribuir positivamente para a construção da autopercepção dos estudantes.

O estudo intitulado *Estabelecendo Relação entre Autoconceito e Desempenho Acadêmico de Crianças Escolares*, realizado por Fabiana Cia e Elizabeth Joan Barham da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) em 2008, examina a correlação entre o autoconceito e o desempenho acadêmico em crianças das 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental. Utilizando o Self-description Questionnaire 1, que foi elaborado por Marsh e Smith (1982) para avaliar o autoconceito e o Teste de Desempenho Escolar de Stein - TDE (1994) para medir o desempenho acadêmico, o estudo identificou que o autoconceito não acadêmico estava positivamente correlacionado com as pontuações em escrita no TDE. Além disso, o autoconceito acadêmico e total mostraram correlações positivas com as pontuações em aritmética, escrita, leitura e com a pontuação total do TDE. Esses resultados sugerem a relevância do autoconceito para o desempenho acadêmico, sublinhando a importância de programas que promovam o desenvolvimento socioemocional das crianças. As considerações finais do estudo apoiam a tese de que o autoconceito e o desempenho acadêmico estão interligados, enfatizando a necessidade de intervenções educacionais que contemplem ambos os aspectos para o desenvolvimento integral das crianças.

Rui de Moraes Júnior e Cláudia Araújo da Cunha (2007), da Universidade Federal de Uberlândia, em um estudo intitulado *Reconhecimento de Palavras e de Autoconceito num Grupo de Crianças*, investigaram a relação entre o reconhecimento de palavras e o autoconceito em crianças, com foco no desempenho escolar. O objetivo foi verificar as correlações entre o reconhecimento de palavras e o autoconceito em diversos ambientes, incluindo o pessoal, escolar, familiar e social. A metodologia envolveu a aplicação da Escala de Reconhecimento de Palavras (Kingski, 2002) e da EAC-IJ (Sisto, 2000) em 230 alunos com idades entre 7 e 16 anos de escolas públicas de Minas Gerais. Os resultados revelaram diferenças significativas de gênero no autoconceito pessoal, com as meninas apresentando escores mais altos. Observou-se que a escola central teve um desempenho significativamente melhor no teste de reconhecimento de palavras em comparação com a escola periférica. Além disso, na escola periférica, o número de erros no reconhecimento de palavras aumentou

significativamente à medida que as séries avançavam. As correlações positivas encontradas indicam que um autoconceito elevado está associado a um melhor desempenho no reconhecimento de palavras, abrangendo todos os ambientes estudados (pessoal, escolar, familiar e social). A discussão do estudo enfatiza que as variáveis socioafetivas influenciam significativamente o desempenho das crianças em leitura e escrita. As considerações finais destacam que o desempenho escolar está intrinsecamente ligado ao autoconceito e que o sucesso na aprendizagem envolve não apenas aspectos técnicos, mas também o contexto de vida dos alunos fora da escola.

Monalisa Muniz e Bruno Lamarão do Nascimento (2014) conduziram um estudo denominado A relação da leitura e autoconceito com o desempenho acadêmico em alunos do ensino fundamental, cujo objetivo era investigar a relação entre a leitura de palavras e o autoconceito com o desempenho acadêmico. A pesquisa envolveu 177 alunos brasileiros do 2º ao 5º ano do ensino fundamental de uma escola particular, utilizando a Escala de Autoconceito Infanto-Juvenil (Sisto, 2000) e o Teste de Competência de Leitura de Palavras e Pseudopalavras (Capovilla et al., 2004). Os resultados indicaram que a leitura de palavras foi o melhor preditor de desempenho acadêmico para alunos do 2º e 3º ano, enquanto o autoconceito social foi o melhor preditor para alunos do 5º ano, sugerindo que, nesta fase, aspectos sociais ganham maior relevância. Com o estudo conclui-se que a leitura e o autoconceito desempenham papéis importantes no desempenho acadêmico, sugerindo a necessidade de mais pesquisas devido aos resultados divergentes encontrados na literatura científica.

O estudo titulado Autoconceito de Crianças com Dificuldades de Aprendizagem e Problemas de Comportamento, foi conduzido por Indira S. Stevanato, Sonia Regina Loureiro, Maria Beatriz M. Linhares e Edna Maria Marturano (2003), com o objetivo de avaliar o autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento em comparação com crianças sem essas dificuldades. Participaram da pesquisa 58 crianças com idades entre 8 e 11 anos, divididas em dois grupos: um com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento e outro sem essas dificuldades. A metodologia envolveu o uso da Escala Piers Harris de Autoconceito (Piers, 1996) e da Escala Comportamental Infantil A2 de Rutter, padronizada por Graminha (1994), para avaliação. Os resultados indicaram que crianças com dificuldades de aprendizagem apresentaram autoconceito significativamente mais negativo em comparação com aquelas sem essas dificuldades. Contudo, não houve diferença significativa no autoconceito entre crianças com dificuldades de

aprendizagem com e sem problemas de comportamento. As considerações finais sugerem que o fracasso escolar impacta negativamente o autoconceito das crianças, e que as dificuldades comportamentais não diferenciam significativamente o autoconceito entre os subgrupos estudados.

Claudia Araújo da Cunha, Fermino Fernandes Sisto e Fernanda Machado (2007) desenvolveram uma pesquisa registrada sob o título Autoconceito e Reconhecimento de Palavras em Crianças do Ensino Fundamental. O estudo objetivou examinar a relação entre o reconhecimento de palavras e o autoconceito em um grupo de 300 crianças matriculadas na 2ª, 3ª e 4ª séries do ensino fundamental de escolas públicas em Minas Gerais. A metodologia empregada incluiu a aplicação da Escala de Autoconceito Infanto-Juvenil (Sisto, 2000) e da Avaliação do reconhecimento de palavras, teste desenvolvido por Kingenski e Sisto (2004). Os resultados indicaram a presença de correlações significativas entre o reconhecimento de palavras e o autoconceito nas dimensões pessoal e social, porém não nas dimensões escolar e familiar. Ainda, as correlações variaram de acordo com o sexo e a série escolar dos participantes, sugerindo que a relação entre essas variáveis é influenciada por fatores contextuais e não é linear. As considerações finais do estudo apontam que crianças com maior habilidade de reconhecimento de palavras tendem a apresentar um autoconceito mais elevado, especialmente em contextos sociais e pessoais.

O estudo desenvolvido por Madalene Menezes Vertelo (2007), intitulado Dilemas e desafios: A criança, o autoconceito e a linguagem escrita, objetivou investigar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os níveis de dificuldade na aprendizagem da escrita e o autoconceito em diversos contextos (social, escolar, familiar e pessoal) entre alunos da 2ª e 3ª série do ensino fundamental de escolas públicas em Uberlândia, Minas Gerais. Utilizando uma amostra de 160 crianças, de ambos os sexos e com idades entre 6 e 17 anos, foram aplicadas a Escala de Autoconceito Infanto-Juvenil - EAC-IJ (Sisto, 2000) e a Escala de Avaliação da Dificuldade na Aprendizagem da Escrita - ADAPE (Sisto, 2002b). Os resultados demonstraram correlações negativas entre o autoconceito e os níveis de dificuldade na escrita (r, p), indicando que crianças com maiores dificuldades de aprendizagem tendem a possuir um autoconceito mais negativo. Diferenças significativas também foram observadas em relação a gênero, idade e período escolar. O estudo conclui que intervenções direcionadas para promover um autoconceito positivo são cruciais para

melhorar a aprendizagem da escrita, destacando a complexa interação entre fatores cognitivos, afetivos e relacionais no desempenho educacional.

2. METODOLOGIA

Este estudo trata-se de uma coleta de dados transversal já que houve coleta de dados de uma amostra de indivíduos em um determinado momento no tempo (SCHUNK, 1995). Segundo autor, na pesquisa transversal, os dados são coletados de uma única vez, permitindo que os pesquisadores obtenham informações sobre a população estudada em um determinado momento. Neste sentido, isso possibilita a análise de relações entre variáveis e a identificação de tendências e padrões, sem a necessidade de acompanhamento longitudinal dos participantes.

Assim, o estudo transversal é um tipo de estudo observacional que utiliza análise e avaliação por meio da observação, sem a interação direta da pessoa pesquisadora com a população amostral.

A metodologia da pesquisa transversal envolve a seleção de uma amostra representativa da população-alvo, a definição das variáveis a serem estudadas, a coleta de dados por meio de questionários, entrevistas ou observações, e a análise estatística dos resultados obtidos (DA SILVA, et al., 2000).

O presente estudo trata-se de uma pesquisa com duas variáveis. A variável independente foi desempenho em *autoconceito*, enquanto a variável dependente foi o *desempenho em leitura e escrita*.

Objetivamos avaliar a relação entre autoconceito e desempenho de aprendizagem inicial em leitura e escrita em escolares do 3º ano do Ensino Fundamental I de três escolas públicas do município de Vitória da Conquista, Bahia. Os participantes foram avaliados no 3º ano do Ensino Fundamental.

Conforme é possível ver no Quadro 1, os instrumentos utilizados para avaliação das variáveis foram: a) para avaliar o autoconceito, o instrumento utilizado foi a Escala de Autoconceito Infante Juvenil- EAC- IJ (Sisto, 2000) e b) para avaliar o desempenho de leitura e de escrita Teste de Monitoramento da Leitura e da Escrita (Guaresí, Palles e Abreu, 2020).

Quadro 1 – Relação de variáveis e instrumentos utilizados

Variáveis	Instrumentos utilizados
Autoconceito	Escala de Autoconceito Infanto Juvenil - EAC- IJ (Sisto, 2000)
Leitura e escrita	Teste de Monitoramento da Leitura e da Escrita (Guaresi, Palles e Abreu, 2020)

O processo de escolha do instrumento para avaliar o autoconceito foi realizado por meio de revisão de literatura sobre autoconceito em crianças com idade entre 8 e 9 anos. Durante esse processo, foram considerados diversos critérios, como relevância – o instrumento deveria ser capaz de mensurar as variáveis de interesse da pesquisa; praticidade – necessidade de fácil interpretação e aplicação, visto que os participantes são crianças entre 8 e 9 anos; e validação do instrumento – é fundamental que ele seja validado para pesquisa. Após esta revisão, com base nos critérios estabelecidos, foram selecionados dois instrumentos: a Escala de Autoconceito Infantil-Juvenil - EAC-IJ (Sisto & Martinelli, 2004) e a Piers-Harris Children's Self-Concept Scale - PHCSCS (Piers, 1996 - Escala de Autoconceito Infantil Piers-Harris).

Diante disso, foi escolhida para o presente estudo a Escala de Autoconceito Infanto-Juvenil, por atender a todos os critérios estabelecidos. Este instrumento foi escolhido devido à extensa documentação de estudos que utilizam esse teste como o estudo aqui revisados de Carneiro (2002), Ferreira (2006) e Cunha, Sisto e Machado (2007). Além disso, é amplamente reconhecido pela comunidade acadêmica como uma ferramenta confiável para medir o autoconceito em crianças. Por outro lado, a Escala de Autoconceito Infantil Piers-Harris não foi selecionada, entre outras razões porque apenas está disponível para o português europeu, o que exigiria adaptação ao contexto brasileiro.

A Escala de Autoconceito Infanto-Juvenil (EAC-IJ) consiste num questionário de autoavaliação destinado a crianças e adolescentes, com idades compreendidas entre os 8 e os 16 anos, que mede o seu autoconceito em diferentes contextos: familiar, social, pessoal e escolar. Cada contexto é avaliado através de 13 frases, onde os participantes indicam com que frequência vivenciam determinados sentimentos ou situações, escolhendo entre “Sempre”, “Às vezes” ou “Nunca”. As respostas são pontuadas de acordo com a positividade ou negatividade da afirmação.

A validação do instrumento foi realizada com uma amostra de 2.055 alunos de

ambos os sexos, do segundo ao oitavo ano do Ensino Fundamental, com idade entre 7 e 18 anos. As análises psicométricas indicaram precisão e consistência interna do instrumento, pois os coeficientes de precisão (Spearman Brown) e consistência interna (alfa de Cronbach) para cada subescala e para a escala geral demonstraram valores considerados satisfatórios, garantindo sua confiabilidade para avaliar o autoconceito em esta faixa etária.

O Teste de Leitura e Escrita, desenvolvido por Guaresi, Palles e Abreu (2020), é um instrumento utilizado para monitorar o aprendizado inicial da leitura e escrita. Esse teste é composto por oito níveis, cada um contendo cinco itens, totalizando 40 itens. Cada nível é projetado para avaliar diferentes aspectos da alfabetização, desde a identificação de vogais até a habilidade de codificar e decodificar frases simples. O objetivo principal desse teste é fornecer uma avaliação detalhada e progressiva das habilidades de leitura e escrita dos alunos. Os níveis estão organizados de forma a refletir a complexidade crescente das tarefas: iniciando com vogais, passando por estruturas silábicas simples (como consoante/vogal e vogal/consoante), avançando para palavras com estruturas silábicas mais complexas, e culminando na avaliação de frases simples. Os resultados obtidos, expressos em uma escala de zero a oitenta pontos, são essenciais para medir o progresso dos alunos na aquisição e no aprendizado das habilidades de leitura e escrita.

Os dados de ambas as variáveis foram tabulados em planilha de excel e, em seguida, tratados estatisticamente pela plataforma Jomovi. Inicialmente fizemos uma estatística descritiva e posteriormente utilizada a ferramenta Regressão Linear Simples para o cálculo dos coeficientes de correlação e determinação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo, foi analisada a relação entre *autoconceito e desempenho em leitura e escrita* de estudantes do 3º ano do ensino fundamental, com base em subdivisões por sexo e grupos de desempenho.

Como se pode ver na Tabela 1, a amostra total foi composta por 41 participantes. A média do autoconceito foi de 74,2, com erro-padrão da média de 2,50 e desvio-padrão de 16,0. A mediana foi de 75, com valores mínimos e máximos de 27 e 101, respectivamente. Em relação à leitura, a média foi de 28,5, com erro-padrão de 2,01, desvio-padrão de 12,9 e mediana de 38. A escrita teve média de 24,9, erro-padrão de



2,08, desvio-padrão de 13,3, e mediana de 24. Para o total de leitura e escrita (TLE), a média foi de 53,4, erro-padrão de 4,00, desvio-padrão de 25,6, e mediana de 62. Os valores variaram de 13 a 80. O teste de Shapiro-Wilk indicou que as variáveis de leitura ($p < 0,001$), escrita ($p < 0,001$) e TLE ($p < 0,001$) não seguiram uma distribuição normal, ao contrário da variável autoconceito ($p = 0,235$).

Tabela 1 – Estatística descritiva das variáveis do estudo

	AUTOCONCEITO	LEITURA	ESCRITA	TLE
N	41	41	41	41
Média	74.2	28.5	24.9	53.4
Erro-padrão da média	2.50	2.01	2.08	4.00
Mediana	75	38	24	62
Desvio-padrão	16.0	12.9	13.3	25.6
Mínimo	27	8	5	13
Máximo	101	40	40	80
W de Shapiro-Wilk	0.965	0.752	0.860	0.830
p Shapiro-Wilk	0.235	< .001	< .001	< .001

Fonte: o estudo

Na subdivisão por sexo, como se pode ver na Tabela 2, as participantes femininas ($N = 23$) apresentaram média de autoconceito de 73,7 (erro-padrão = 3,60, desvio-padrão = 17,3), leitura de 26,6, escrita de 23,0 e TLE de 49,6. Já os participantes masculinos ($N = 18$) apresentaram média de autoconceito de 74,7, leitura de 30,9, escrita de 27,4 e TLE de 58,3. Embora não se tenha observado diferença nas médias de Autoconceito, observou-se uma diferença matemática de aproximadamente 10 pontos no total de leitura e de escrita (TLE) entre meninos e meninas, sugerindo influência do sexo no desempenho em leitura e escrita, pelo fato de os meninos apresentarem uma diferença matemática maior do que as meninas.

Tabela 2 – Estatística descritiva das variáveis do estudo por sexo

	SEXO	TOTAL AUTOCONCEITO	LEITURA	ESCRITA	TLE
N	F	23	23	23	23
	M	18	18	18	18
Média	F	73.7	26.6	23.0	49.6
	M	74.7	30.9	27.4	58.3
Erro-padrão da média	F	3.60	2.76	2.77	5.42
	M	3.46	2.91	3.15	5.90
Mediana	F	75	37	19	56
	M	73.5	38.0	30.5	69.0
Desvio-padrão	F	17.3	13.2	13.3	26.0
	M	14.7	12.4	13.4	25.0
Mínimo	F	27	8	5	13
	M	46	10	5	15
Máximo	F	99	40	40	80
	M	101	40	40	80
W de Shapiro-Wilk	F	0.932	0.782	0.869	0.847
	M	0.967	0.698	0.839	0.801
p Shapiro-Wilk	F	0.120	< .001	0.006	0.002
	M	0.740	< .001	0.006	0.002

Fonte: o estudo

Os participantes foram divididos em três grupos com base no desempenho³. Como se pode ver na Tabela 3, o G1 (N = 17), com desempenho dentro do esperado, teve média de autoconceito de 75,4 e TLE de 78,2. O G2 (N = 7), com desempenho abaixo da média, apresentou média de autoconceito de 72,3 e TLE de 62,4. O G3 (N = 17), com atraso escolar, teve média de autoconceito de 73,8 e TLE de 24,9. Como se pode ver, a diferença matemática nas médias de autoconceito dos grupos avaliados não pode ser considerada importante.

³ Os critérios para a categorização dos participantes pelo desempenho foram os da publicação de Guaresí, Palles e Abreu (2020).

Tabela 3 – Estatística descritiva estratificada por desempenho em Leitura e Escrita

	GRUPOS	AUTO CONCEITO	LEITUR A	ESCRITA	TLE
N	G1	17	17	17	17
	G2	7	7	7	7
	G3	17	17	17	17
Média	G1	75.4	39.5	38.8	78.2
	G2	72.3	37.7	24.6	62.4
	G3	73.8	13.7	11.2	24.9
Erro-padrão da média	G1	2.98	0.212	0.525	0.621
	G2	5.07	0.286	1.70	1.76
	G3	4.96	0.992	1.30	2.13
Mediana	G1	74	40	40	80
	G2	75	38	24	62
	G3	74	13	10	25
Desvio-padrão	G1	12.3	0.874	2.17	2.56
	G2	13.4	0.756	4.50	4.65
	G3	20.4	4.09	5.37	8.77
Mínimo	G1	54	38	33	71
	G2	46	37	19	56
	G3	27	8	5	13
Máximo	G1	101	40	40	80
	G2	84	39	31	68
	G3	100	22	23	39
W de Shapiro-Wilk	G1	0.975	0.598	0.651	0.743
	G2	0.841	0.833	0.928	0.921
	G3	0.943	0.952	0.927	0.920
p Shapiro-Wilk	G1	0.904	< .001	< .001	< .001
	G2	0.102	0.086	0.534	0.478
	G3	0.355	0.496	0.191	0.150

Fonte: o estudo

A ferramenta estatística Regressão Linear Simples foi utilizada na comparação estatística entre as variáveis, a qual indicou coeficientes de correlação ínfimos a fracos, para os parâmetros de Dancey e Ready (2019), com um R^2 máximo de 0,057 para autoconceito geral, indicando que apenas 5,67% da variação no desempenho em leitura e escrita pode ser explicada pelo autoconceito. Conforme é possível ver na Tabela 4, o teste de Kruskal-Wallis revelou que as diferenças no autoconceito entre os grupos não

foram estatisticamente significativas ($p = 0,985$), reforçando que, apesar das pequenas diferenças matemáticas observadas, a diferença entre autoconceito e desempenho em leitura e escrita não é estatisticamente significativa, considerando os sujeitos avaliados neste estudo.

Tabela 4 – Regressão Linear Simples entre as variáveis dependentes (Leitura e Escrita) e independente (Autoconceito)

Níveis de autoconceito					
	familiar	social	pessoal	escolar	Autoconceito geral
R	0.0859	0.0749	0.0670	0.0191	0.238
R²	0.00738	0.00561	0.00449	3.64e-4	0.0567

Kruskal-Wallis			
	χ^2	gl	p
TOTAL AUTOCONCEITO	0.0296	2	0.985

Comparações múltiplas – TOTAL AUTOCONCEITO			
		W	p
G1	G2	0.1350	0.995
G1	G3	0.0488	0.999
G2	G3	0.4498	0.946

Fonte: o estudo

Gabriela Raeder da Silva Carneiro, Selma de Cássia Martinelli e Fermino Fernandes Sisto (2003) documentam uma relação significativa entre dificuldades de aprendizagem na escrita e o autoconceito, especialmente o escolar, que tende a diminuir à medida que as dificuldades aumentam. De modo semelhante, o resultado do estudo de Andressa Aparecida Ferreira (2006) corrobora a existência de uma correlação positiva entre autoconceito e rendimento escolar, conforme evidenciado em uma revisão bibliográfica abrangente. Entretanto, olhando os resultados coletivos do presente estudo revelam uma relação fraca entre autoconceito e desempenho em leitura e escrita, mesmo com a diferença matemática observada entre os grupos, indicando que o autoconceito explica apenas uma pequena parte da variação no desempenho acadêmico. Rui de Moraes Júnior e Cláudia Araújo da Cunha (2007) encontraram uma associação positiva entre autoconceito e reconhecimento de palavras, sugerindo que um autoconceito elevado está relacionado a um melhor desempenho em leitura. De modo semelhante, Indira Stevanato, Sonia Regina Loureiro, Maria Beatriz M. Linhares e Edna Maria Marturano (2003) observaram que crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam um autoconceito mais negativo em comparação com aquelas sem essas

dificuldades. No entanto, neste estudo, observou-se que, apesar das diferenças matemáticas entre os grupos, a correlação entre autoconceito e desempenho em leitura e escrita foi estatisticamente insignificante, sugerindo que outros fatores podem exercer uma influência mais determinante sobre o desempenho acadêmico. Talvez, o que pode explicar a diferença entre os resultados dos estudos citados e o nosso estudo seja o perfil de participantes do estudo, no nosso caso, de escores nas séries iniciais de alfabetização, já que os participantes de nosso estudo podem ainda não estarem conscientes do atraso escolar em que se encontram. Ainda, diferentemente da tendência coletiva avaliada neste estudo, talvez encontraremos resultados semelhantes numa análise individualizada, empreendimento para a análises futuras.

Fabiana Cia e Elizabeth Joan Barham (2008) identificaram uma correlação positiva entre autoconceito acadêmico e desempenho em leitura e escrita, salientando a relevância do autoconceito para o sucesso acadêmico. Contudo, consonantemente ao nosso estudo, os resultados deste estudo demonstram que, apesar das diferenças matemáticas entre os grupos, essa relação é estatisticamente frágil no contexto dos alunos do 3º ano do ensino fundamental, sugerindo que a influência do autoconceito pode ser menos expressiva em determinados grupos. Os resultados desse estudo reforçam nossa tese de que os participantes de nosso estudo podem ainda não estarem conscientes do atraso escolar em que se encontram, logo não apresentam alterações nos resultados de autoconceito.

Monalisa Muniz e Bruno Lamarão do Nascimento (2014) destacaram a leitura de palavras e o autoconceito social como preditores importantes do desempenho acadêmico em alunos de séries mais avançadas. No entanto, no que diz respeito exclusivamente ao autoconceito social, os achados do presente estudo não apontam para uma correlação robusta entre autoconceito e desempenho em leitura e escrita, sugerindo que, em alunos do 3º ano do ensino fundamental, a influência do autoconceito pode ser menos evidente.

Ainda, Claudia Araújo da Cunha, Fermino Fernandes Sisto e Fernanda Machado (2007) identificaram correlações significativas entre reconhecimento de palavras e autoconceito, especialmente nas dimensões social e pessoal. Diferentemente, o presente estudo não encontrou correlações estatisticamente significativas entre autoconceito geral e desempenho em leitura e escrita, apesar da diferença matemática identificada entre os grupos, sugerindo que variáveis emocionais e contextuais também desempenham um papel crucial nessa relação. Da mesma forma, o estudo de Madalene

Menezes Vertelo (2007) evidenciou correlações negativas entre dificuldades na aprendizagem da escrita e autoconceito, indicando que crianças com maiores dificuldades tendem a apresentar um autoconceito mais negativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, apesar da relação fraca observada neste estudo, a hipótese de uma correlação significativa não pode ser totalmente descartada. Estudos futuros, ao empregar amostras ampliadas e metodologias diversificadas, poderão oferecer uma visão mais detalhada e precisa, ajudando a elucidar como o autoconceito pode influenciar o desempenho acadêmico e vice-versa, identificando outros fatores que possam contribuir para essas relações. Como se pôde ver, o tema em questão requer continuidade de estudos para dirimir as discrepâncias observadas na literatura documentada e o resultado do presente estudo. Para estudos futuros, sugerimos ampliação quantitativa da amostra para outras faixas etárias, bem como análise individualizada e qualitativa dos resultados. Assim, uma amostra maior e mais representativa poderia potencialmente revelar uma correlação mais significativa entre autoconceito e desempenho acadêmico.

A análise estatística revelou que, apesar de variações matemáticas observadas entre os grupos, não foi possível identificar uma correlação estatisticamente significativa entre o autoconceito e o desempenho acadêmico nas habilidades de leitura e escrita. Os resultados indicaram que as diferenças de autoconceito entre os sexos e entre os grupos de desempenho apresentaram pouca relevância estatística. Embora os meninos tenham demonstrado um desempenho matematicamente superior em leitura e escrita em comparação com as meninas, essa diferença não se traduziu em uma correlação robusta com o autoconceito. Da mesma forma, a análise entre os grupos de desempenho revelou que o autoconceito não foi um fator determinante para explicar a variação no desempenho acadêmico.

Esses achados sugerem que, no contexto específico dos alunos avaliados, o autoconceito exerce uma influência limitada sobre o desempenho em leitura e escrita. No entanto, é necessário considerar que o tamanho reduzido da amostra e o recorte etário podem ter impactado a identificação de uma correlação mais significativa.

Para estudos futuros, recomenda-se a ampliação da amostra, contemplando diferentes faixas etárias e utilizando abordagens metodológicas que incluam análises



qualitativas. Uma amostra mais ampla e diversificada poderá fornecer dados mais representativos, potencialmente revelando uma correlação mais expressiva entre autoconceito e desempenho acadêmico. Além disso, a análise individualizada dos resultados poderá contribuir para uma compreensão mais aprofundada da relação entre fatores emocionais e desempenho escolar, apontando para a importância de um acompanhamento mais direcionado no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, G. R. S.; MARTINELLI, S. C.; SISTO, F. F. Autoconceito e Dificuldades de Aprendizagem na Escrita. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 447-463, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300002>. Acesso em 26 Abril 2024.

CIA, F.; BARHAM, E. J. Estabelecendo relação entre autoconceito e desempenho acadêmico de crianças escolares. *Psico*, [S.l.], v. 39, n. 1, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1526>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CONTE, G.; CIASCA, S. M.; CAPELATTO, I. V.. Relação entre autoconceito e autocontrole comparados ao desempenho escolar de crianças do ensino fundamental. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 33, n. 102, 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 03 Julho 2024.

CUNHA, C. A.; SISTO, F. F.; MACHADO, F. Autoconceito e reconhecimento de palavras em crianças do ensino fundamental. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 147-156, dez. 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712007000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 17 Maio 2024.

FERREIRA, A. A. A relação entre autoconceito e desempenho escolar em crianças e adolescentes. **Revista Eletrônica Semar**, Porto, v. 2, p. 1-18, 2006. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627110953.pdf. Acesso em 09 Maio 2024.

GUARESI, R.; PALLES, L.; ABREU, C. V Costa. **Técnicas de Avaliação do Aprendizado da Leitura e da Escrita na Alfabetização Inicial** [livro eletrônico]. Vitória da Conquista: Fonema e Grafema, 2020.

MORAES J, R.; CUNHA, C. A.. Reconhecimento de palavras e de autoconceito num grupo de crianças. **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**, v. 8, n. 2, p. 215-226, jul./dez. 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142007000200012. Acesso em 26 Julho 2024.



MUNIZ, M.; NASCIMENTO, B. L. A Relação da Leitura e Autoconceito com o Desempenho Acadêmico em Alunos do Ensino Fundamental. REICE. **Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, [S. l.], v. 12, n. 3, 2016. DOI: 10.15366/reice2014.12.3.003. Disponível em: <https://revistas.uam.es/reice/article/view/2847>. Acesso em: 3 jul. 2024.

SERRA, A. S. Vaz. O auto-conceito. *Análise Psicológica*, Lisboa: **Instituto Superior de Psicologia Aplicada**, v. 6, n. 2, p. 101-110, 1988. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.12/2204>. Acesso em 19 Julho 2024.

SISTO, F. F.; MARTINELLI, S. C. Escala de Autoconceito Infante Juvenil (EAC- IJ). São Paulo: **Editora Vetor**, 2004.

VERTELO, M. M.. Dilemas de desafios: a criança, o autoconceito e a linguagem escrita. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - **Universidade Federal de Uberlândia**, Uberlândia, 2007. Disponível em <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17267>. Acesso em 12 Julho 2024.

Submetido em: 20/07/2026

Aceito em: 08/09/2026